

Toda vez que se han producido cambios trascendentales en los planes de estudio de las escuelas de enfermeras, hospitales y campos de la salud pública y que día a día progresa la cooperación entre esos organismos y la tendencia a una mayor integración de sus programas, la organización y administración de los Servicios de Enfermería deben ser valorados con la ayuda de la enfermera consultora.

CONCLUSIONES

- (1) Necesidad de elevar el standard en las escuelas de enfermeras a fin de preparar profesionales con rango universitario.
- (2) Creación de cursos post-graduados destinados a proporcionar conocimientos más avanzados en el campo de la supervisión, administración, enseñanza y salud pública.
- (3) Incorporación de la enfermera consultora en los organismos estatales competentes.

A ESTUDANTE DE ENFERMAGEM NO HOSPITAL*

Visto ser o hospital o lugar onde, pela primeira vez, a estudante de enfermagem encontra a prática de sua profissão, o hospital é o primeiro lugar onde ela terá a oportunidade de pôr em prática os princípios éticos que deverão orientá-la durante a sua vida tóda. Ao cuidar dos doentes num hospital, recaem sôbre ela certas responsabilidades no que dizem respeito à instituição, à escola de enfermagem, ao médico e às pessoas de família do doente. Ela presta serviços à comunidade através de sua cooperação com as agências sociais e sanitárias, e também como membro de uma profissão organizada, tem a responsabilidade de fomentar o bem-estar de sua profissão.

A enfermeira atende a uma grande variedade de seres humanos em vários estados de saúde e de doença e em tôdas as etapas e graus de enfermidades. No hospital ela ministra tanto ao rico como ao pobre, ao jovem e ao velho, aos gratos e aos ingratos. No seu trabalho de cuidar de doentes, ela deve guardar em mente que, quanto ao paciente, o conforto mental muitas vêzes é bem mais importante do que o bem-estar físico. Algumas causas da inquietação manifestada pelo doente são: saudades de casa, timidês, impressionabilidade, falta de oportunidade de estar só, temor da dôr, medo da morte, preocupações econômicas, ansiedade devido às condições existentes no seu lar, perplexidade, falta de familiaridade com a rotina do hospital, e temor de perder a sua própria individualidade.

Um dos primeiros deveres de uma enfermeira é o de adquirir os melhores conhecimentos possíveis de seu trabalho. Quanto mais perfeito é

* Adaptado da obra "Professional Adjustments," pela Irmã Mary Isidore Lennon. 229 pp. 1946. Cortesia da C. V. Mosby Company, St. Louis, Missouri, E.U.A. (Publica a pedido de uma escola de enfermagem no Brasil.)

o seu conhecimento, quanto mais eficientes serão os seus préstimos. Não deverá haver coisa alguma, por mais insignificante que seja, que não mereça a sua atenção, pois das coisas pequenas se fazem as grandes, e no todo aparecerão os defeitos que figuram nas partes que o constituem. Uma enfermeira, no seu labor, deve ter uma mente penetrante, deve se interessar em e ter conhecimentos dos acontecimentos atuais e, sendo dotada de um espírito filosófico, não dará a impressão de que ela é meramente um autômato a realizar os seus trabalhos de rotina, porém sim é uma companheira vivaz e uma mulher de maneiras finas.

Circundados como nos encontramos atualmente pelos materialismos que resultam de uma civilização em transição, o labor da enfermeira exige um alto grau de altruísmo e uma generosa porção de magnanimidade, se ela está destinada a aliviar as dores do doente durante a sua invalidez física, e ajudar a poupar a vida de um ente humano.

Uma enfermeira não pode passar pelo seu curso de adestramento no hospital sem influir de maneira profunda, por bem ou por mal, aos que com ela convivem. Nos seus deveres no hospital, ela hospeda a cada doente que entra, devendo estar pronta a dar-lhe bom acolhimento. Cada doente é o seu hóspede, não simplesmente um caso ou um espécime a ser analisado nos laboratórios; êle é o alvo de sua mais cordial hospitalidade e ela deve tratá-lo com a mesma cortesia e bondade que concederia aos que aceitam acolhimento em seu próprio lar. Além do direito a hospitalidade, os doentes têm mais direitos visto se acharem enfermos e muitas vêzes serem pobres. Contemplemos o que a enfermidade significa a muitos pobres—o pai de uma família que não pode trabalhar para sustentar a sua esposa e filhos que dependem dêle; uma mãe separada de seus filhos os quais ela muitas vêzes está obrigada a confiar aos cuidados de uma pessoa estranha; e uma criança no meio de suas dores, separada do seio de sua família e rodeada por pessoas estranhas. Cada um deles, cheio de temor de coisas a êle desconhecidas, estranhando o ambiente desacostumado sofre como resultado, além das dores físicas devidas à doença que o aflige, de uma angústia mental.

A menos que os enfermos são recebidos de maneira carinhosa, com compreensão e consideração, as boas impressões oferecidas pelo hospital se tornam ofuscadas. A enfermeira, sendo a primeira a receber os doentes, deve fazer tudo possível no sentido de ajudá-lo a confrontar esta situação totalmente diversa da de sua vida normal, antecipando-lhes tudo que possam necessitar. Ela deve auxiliá-los a se familiarizarem com a rotina do hospital e explicar-lhes os procedimentos de enfermagem afim de poupar-lhes desnecessários acanhamentos e humiliações. A influência que pode exercer uma enfermeira que prossegue aos seus deveres de boa vontade, calmamente e com habilidade, não somente tem verdadeiro valor terapêutico mas também representa um dos mais potentes incentivos que conduz o enfermo ao restabelecimento.

O fato de estar a enfermeira ciente da sua dignidade profissional deve preveni-la de manter contacto demasiado íntimo com os seus doentes. De nenhuma maneira deve receber prendas em moeda para compensá-la pelos serviços prestados, nem deve aceitar outras atenções tais como passeios de automóvel e convites para visitar o lar do doente. De outra parte, a enfermeira não está obrigada a sofrer o desrespeito dos enfermos. Ela deve imediatamente informar a sua supervisora com referência a qualquer conduta ou uso de palavras inconvenientes da parte de um doente, lembrando que a familiaridade produz o desdém, e que o respeito que nutre um doente pela enfermeira é proporcional à dignidade e reserva manifestada por esta.

As vêzes a enfermeira poderá se expôr a perigos ao cuidar de um doente do sexo masculino, mormente se o serviço que lhe prestar fôr de índole pessoal ou privado. Embora os serviços prestados tenderem a fazer com que os doentes sintam grande afeto por ela, a enfermeira deve sempre se lembrar que o campo de atividade social do enfermo é bastante limitado por estar internado no hospital e que o desequilíbrio emocional seguido se manifesta em pessoas doentes. Ela deve tratar a tais doentes com muito atino, controlando as suas próprias emoções e nunca demonstrando a sua antipatia por eles como indivíduos. Embora tenha que estar sempre de espreita, a enfermeira nunca deve adotar uma atitude fria e impessoal para com os doentes, mas sim deve se esforçar a criar um espírito de compreensão e solicitude pelo seu bem-estar. Ser bondosa para com todos, sempre e sem exceção, não é uma virtude de prática fácil para a enfermeira, porque ela contempla a natureza humana na sua forma mais desfavorável, e diàriamente confronta a tragédia que acompanha a dor, o sofrimento e a desmoralização que às vêzes resulta de uma invalidez física. A enfermeira não sòmente deve ministrar às necessidades físicas dos enfermos, mas também deve reanimar o seu espírito debilitado, fazer reflorescer a sua esperança e amparar a sua vontade de viver. A sua bondade para com os doentes nunca deve ser condescendente mas sim sincera, com compreensão e eficaz. Ela deve levar a cabo os seus deveres com prudência e de maneira escrupulosa e não conspícua. Um espírito alegre deve ser um fator característico e constante da sua bondade, e quiçá, achando-se às vêzes enfadada de ouvir as queixas de seus enfermos, ela nem por isso deve permitir que os seus queixumes endureçam a sua brandura natural ou que abalem a sua ternura de mulher.

A lealdade que ela dedica ao seu hospital não deve terminar com as horas determinadas de trabalho. Assim como está confiada ao cuidado de cada enfermeira a reputação de sua profissão, também de uma maneira muito particular está lhe confiada a reputação de seu hospital. É o dever de cada enfermeira ver que a reputação do hospital não sofra nenhum prejuizo de sua parte, nem por palavra, nem por ação. Possivelmente possa haver muita coisa que não lhe agrade na administração do hospital,

porém, dando voz a tais desagradados raramente dá origem a melhoras nas condições existentes. A enfermeira que deseja ter bom êxito na sua profissão deve evitar dar voz a críticas maliciosas ou repreensivas, porém se esforçar no sentido de inspirar a confiança de seus enfermos dando-lhes impressões favoráveis quanto ao hospital, o seu equipo, o seu pessoal e à sua política.

Tôda estudante de enfermagem precisa possuir uma perfeita compreensão da honestidade. Bem entendido, passar horas desocupadas no quarto do doente, tomar para o seu uso pessoal certos suprimentos do hospital, não são atos honestos, embora sejam praticados com freqüência pelas enfermeiras. Objetos como papel de carta, ponto falso, bolsa para água quente, assim como o serviço de telefone, pertencem ao hospital tanto quanto também lhe pertencem as salas onde estão as mesas de operações, e a enfermeira não tem direito nenhum de tomar posse dêsses artigos para o seu uso pessoal sem prévia licença de sua supervisora.

A atitude da estudante de enfermagem ante a sua supervisora deve ser uma de amável respeito, de dedicado apoio e de hábil cooperação. A supervisora tem o direito de esperar que a estudante de enfermagem comparecerá à hora marcada de trabalho e prestará a melhor atenção possível à sua tarefa, pondo os interêsses de seus enfermos em primeiro lugar e deixando de lado os seus próprios caprichos ou inclinações. A enfermeira leal e discreta por razão nenhuma dará informações relacionadas com o hospital a advogados, reporters de jornais ou a pessoas sem ligação com a instituição, e também não repetirá aos enfermos ou a pessoas de sua própria família os detalhes sôbre conferências mantidas pelo pessoal do hospital, e nunca passará adiante os fatos que possa saber sôbre os azares privados de seus doentes. Uma firme resolução de manter separado o seu dever profissional do de sua vida privada muito influirá no sentido de evitar que a enfermeira faça ou receba chamadas telefônicas, promova visitas de amigos ou de antigos pacientes, discuta assuntos pessoais, ou de combinar divertimentos sociais durante as horas de trabalho.

Tôda precaução possível deve ser tomada pela estudante afim de evitar que sejam cometidos erros nos seus trabalhos de enfermagem. Ela nunca deve se contentar com maneiras de proceder medíocres ou desordenadas simplesmente porque os deveres rotineiros possam lhe parecer mecânicos e sem interêsse especial. Caso cometer um erro, a enfermeira deve imediatamente avisar a sua supervisora, manifestando o seu pesar de maneira breve e respeitosa, nunca tentando buscar desculpas pela sua própria falta. Caso a supervisora recorrer a medidas disciplinárias afim de evitar a repetição do erro cometido, assim como assegurar que haja uma técnica adequada para o futuro, a estudante não deve comentar o castigo que lhe foi dado, nem falar de maneira injuriosa contra a supervisora cujo dever é evitar tais descuidos visando o melhoramento dos serviços prestados pelas enfermeiras. O cargo de supervisora não deve ser encarado como um tipo de policiamento, mas como

a aluna depende de sua própria experiência para o seu aprendizado, é o dever da supervisora atuar como conselheira e professora. Se porventura houver qualquer dúvida da parte da estudante quanto a um certo procedimento que deve seguir, seja ético ou técnico, ela por sua parte deve procurar a enfermeira encarregada da enfermaria para a sua orientação.

Embora sejam os serviços profissionais da enfermeira sempre ao dispôr do médico, quando este visita os doentes de sua divisão, ela não está obrigada a oferecer mais do que a sua acostumada cortesia profissional, sendo que as amenidades sociais não entram no caso. Na presença dos enfermos, a enfermeira deve manter a sua dignidade e amor próprio evitando indevida familiaridade com os médicos e com os médicos-internos. Quando trabalha com qualquer médico como necessária auxiliar, ela deve ser sempre governada pelas instruções dele. Guardando em mente que o médico é legal e profissionalmente responsável pelo cuidado do enfermo, a enfermeira deve levar a cabo as suas ordens de maneira conscienciosa, porém não fazendo nada que possa ser contrário à sua consciência ética ou religiosa, fomentando ao mesmo tempo a confiança do doente para com o médico. Parece desnecessário dizer que a enfermeira nunca deve, sem ordens por escrito, dar medicamentos ou narcóticos a um enfermo, porém é de sua responsabilidade vigiar cuidadosamente o enfermo e notificar o médico sobre todos os sintomas que possam surgir para guiá-lo no tratamento. Visto o médico depender muito da fidelidade dos relatórios da enfermeira para o bom êxito do tratamento prescrito, nunca se deve anotar no registro clínico medicamentos que não foram administrados. Da mesma forma, todo medicamento dado deve ser registrado imediatamente.

Ao fazer visitas pelas enfermarias, a enfermeira que acompanha o médico deve, com o registro clínico na mão, pôr-se ao lado da cama oposto ao médico. Ela nunca deve deixar a cabeceira de uma enferma durante um exame médico. Se, no entretanto, o médico fôr um amigo da família da doente, a enfermeira deve prestar o auxílio profissional necessário e então se retirar.

Caso um doente em estado grave fizer perguntas sobre o seu estado, a enfermeira deve evitar respondê-lo, referindo-lhe ao seu médico, não somente porque este já conhece o seu estado, mas também porque é raro o doente que possa aceitar com calma o diagnóstico de uma doença incurável. A enfermeira está justificada em avisar membros da família do doente sobre a gravidade de seu estado, afim de que possam tomar as necessárias providências, tanto religiosas como financeiras e jurídicas.

Ao cumprir com os seus deveres, a enfermeira descobrirá muitas desigualdades entre os seus pacientes no que dizem respeito à sua índole física, seu caráter e estado social. Ela terá êxito na sua profissão se guardar em mente que, a despeito de diferenças acidentais, todos os

doentes são iguais às vistas de Deus e, por mais impertinentes e caprichosos que sejam, cada um deles é dotado de uma alma imortal criada na imagem de Deus.

A maior dificuldade que muitas enfermeiras experimentam é a de reconhecer a nobreza de seu trabalho. Do ponto de vista natural, a profissão de enfermeira é difícil e enfadonha, porém vista pelos olhos da fé, ela é o labor mais nobre que Deus pode confiar à uma moça. Quando é reconhecida a sua nobreza, desaparecem tôdas as desilusões e desânimo que provêm do contacto íntimo com a vida na sua forma mais realística. A enfermeira católica é realmente feliz em compartilhar a inspiração e as tradições da caridade cristã, assim como o valor espiritual de levar a cabo obras de misericórdia, corporal e espiritual. Do ponto de vista religioso, a enfermeira que cumpre com o seu dever conscienciosamente, serve a Cristo na pessoa de Seu ente enfermo e, ao mesmo tempo, atinge a santificação pessoal através da prática de caridade cristã.

ALGUNS LIVROS DE REFERÊNCIA SÔBRE A DEONTOLOGIA PARA ENFERMEIRAS

- Aikens, Charlotte Albina: *Studies in ethics for nurses*. 5a. Ed., 378 pág. W. B. Saunders Company, Philadelphia, Penn. 1943.
- Densford, Katherine, and Everett, M. S.: *Ethics for Modern Nurses*. 260 pág. W. B. Saunders Company, Philadelphia, Penn. 1946.
- Dietz, Lena Dixon: *Professional Adjustments*. 2a. Ed., 2 vols. F. A. Davis Company, Philadelphia, Penn. 1943.
- Gabriel, Sister John: *Professional Problems. A textbook for Nurses*. 2a. Ed., revisado, 224 pág. W. B. Saunders Company, Philadelphia, Penn. 1937.
- Goodrich, Annie Warburton: *The Social and Ethical Significance of Nursing. A Series of Addresses*. 401 pág. The Macmillan Company, New York 1932.
- Hansen, Helen F.: *Professional Relationships of the Nurse*. 2a. Ed., 427 pág. W. B. Saunders Company, Philadelphia, Penn. 1947.
- Lennon, Sister Mary Isidore: *Professional Adjustments*. 299 pág. The C. V. Mosby Company, St. Louis, Mo. 1946.
- Price, Alice L.: *Professional Adjustments I*. 212 pág. W. B. Saunders Company, Philadelphia, Penn. 1946.
- Spalding, Eugenia: *Professional Adjustments in Nursing. For senior students and graduates*. 3a. Ed., revisado, 509 pág. J. B. Lippincott Company, Philadelphia, Penn. 1946.
-

ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD COMISIÓN DE TÉCNICOS EN ENFERMERÍA

La Comisión de Técnicos en Enfermería de la Organización Mundial de la Salud, reunida en Ginebra del 20 al 26 de febrero de 1950, formulando recomendaciones para aliviar la escasez de enfermeras y mejorar su situación económica y condición social. (V. el *Boletín de la Oficina Sanitaria Panamericana* de junio, 1950, para el texto de las recomendaciones.)



De izquierda a derecha: Srta. L. Creelman (OMS), Srta. E. W. Brackett (Fundación Rockefeller), Mlle. M. L. David (Francia), Srta. T. K. Adranvala (India), Srta. Y. Hentsch (Liga de las Sociedades de la Cruz Roja), Srta. Lucile Petry (Servicio de Sanidad Pública de Estados Unidos).



De izquierda a derecha: Srta. Daisy Bridges (Consejo Internacional de Enfermeras), Srta. Gladys Peake Guevara (Chile), Sra. Agnes W. Chagas (Oficina Sanitaria Panamericana).

ESCUELA DE ENFERMERÍA DEL MINISTERIO DE SALUD PÚBLICA,
ARGENTINA



Una instructora enseñando la técnica de un procedimiento de laboratorio



Una instructora usando el método visual en la enseñanza de la anatomía del cráneo